

# J A' ROSNAM!

Bem o previamos quando, ao iniciar a campanha contra a Plutocracia dominante, afirmavamos esperar as calúnias que, sobre nós, iriam ser bolsadas, e as infames cabalas em que nos procurariam envolver.

Tendo feito fogo ao *centro do alvo*, verificamos não ter errado pelo rosar dos mastins perturbados na, até agora, facil digestão do pantagruelico banquete em que tudo teem devorado á Republica e ao Povo: honra, liberdade e pão!

No entanto, mal tocamos a ferida. Mal esboçamos ainda o ataque que, hoje, mais violento pela clareza, levamos a cabo!

Os pulhas, habituados a roubar, falsificadores de escritas, ladrões do Estado, burlões do Povo, tão reles alguns na sua vida publica como na particu'ar, já andam, navalha oculta, procurando ferir a nossa honra e a nossa dignidade!

Malandros!

Pois bem facil será o receberem a devida resposta: basta que apareçam á luz do dia. Basta que, como nós o fazemos, tomem, com o seu nome, a responsabilidade do que disserem!

Basta isso! Porque, se fór pessoa de honra mas enganada, verificará, porque não temos nem segredos nem podres na nossa vida particular ou publica, que cometeram um erro e uma injustiça.

A escrita, a correspondencia to'ca d'A *Choldra* estão á disposição de *todos* os que as quizerem consultar!

Porque não farão nem poderão fazer o mesmo, os srs. da Companhia dos Tabacos, do Ultramarino e todos os outros?

\*  
\* \* \*

Não! Impuzemo-nos a tarefa de dizer verdades e dize-las-hemos dôa a quem doer.

Mais alto do que as pessoas e do que os nossos interesses, vemos os destinos da Republica e da Patria.

Não recebemos subsidios de qualquer entidade official ou particular; não temos compromissos com qualquer banco, banquinho ou banqueta.

Nada nos liga aos senhores da finança, da industria ou do commercio.

Somos livres, orgulhosamente livres!

\*  
\* \* \*

Ha muito nos bailava no cerebro o sonho de, numa tribuna desassombrada e independente, procurar fazer, rodeados dos colaboradores que, livres como nós, escolhessemos, o livre combate e a livre critica à vida nacional.

Encontramos em José Valentim, velho e combativo republicano, a alma nobre disposta ao sacrificio—porque é grande o sacrificio, não o duvidem! — de materialmente nos ajudar e amparar com a sua fé. Encontramos em Henrique de Didelet o valiosissimo e dedicado colaborador d'alma e vida limpas de que necessitavamos.

Nenhum de nós recebe qualquer lucro ou honorario!

Todos nos sacrificamos, todos orgulhosamente colaboramos, cada um no papel que nos distribuimos, nesta obra que reputamos patriotica e republicana: — a de, numa terra onde os intrujões mandam, dizer as verdades!

Marca este numero o nosso terceiro mês de vida. Mais alguns contaremos e segura fé nos anima de não entibiar no ataque nem hesitar perante os perigos!

Rosnem, embora, os mastins...

# Fartar, fartar vilanagem!

A todos os amadores do jornalismo, abonados pelas respectivas empresas, serão também dadas as regalias que aos jornalistas profissionais são concedidas em todos os países cultos

A questão suscitada entre o chefe do governo e os profissionais do jornalismo a proposito da Carteira de Profissional, interessa *A Choldra* sobretudo pelo seu lado moral e politico. O decreto 10.563 se, por vir cercear-lhe legitimas regalias e prerrogativas, constitue um agravo á classe dos profissionais de Imprensa, não representa menor agravo para o Parlamento.

Alem de inconstitucional, esse decreto é, pelas suas disposições, irritó e nulo, porquanto apresentando-se como pretendendo regulamentar um decreto anterior, estabelece doutrina nova e contraria ao decreto de que é regulamento. O decreto 10.563 não deve, portanto, ser respeitado e bem fará o Sindicato dos Profissionais de Imprensa se se recusar a cumpri-lo, pois certo é que se dêle recorrer para o Supremo Tribunal Administrativo, como parece estar disposto a fazê-lo, como irritó e nulo será considerado.

Não está, porém, aqui o que consideramos de maior agravo para o Parlamento. Consideramos afrontoso esse decreto para o poder legislativo pelo facto dele ter sido levado á assinatura, assinado pelo Presidente da Republica e publicado no *Diario do Governo*, depois de ter sido apresentado na Camara, pelo deputado sr. Cunha Leal, um projecto de lei sobre o mesmo assunto e para o qual a Camara concedeu urgencia! O chefe do governo adiantou e sobrepoz, portanto, o seu criterio e mais o de quem lhe meteu nas mãos o decreto, ao criterio que a Camara estava em vespéras de estabelecer sobre a questão da concessão da Carteira de Profissional de Imprensa.

No desprezo olimpico que o chefe do governo tem pelo Parlamento, o sr. Antonio Maria revela-se bem o digno discipulo do sr. Afonso Costa.

E' este o lado politico da questão.

Agora o lado moral. No manifesto da Direcção do Sindicato dos Profissionais de Imprensa, este aspecto do decreto já foi escalpelizado e bem.

O decreto 10.563, tornando extensiva a todo o bom português o uso da Carteira de Profissional da Imprensa e das regalias e concessões a esta apensas, representa um bodo a todos os ami-

gos do sr. Antonio Maria da Silva e aos amigos dos seus amigos emprezarios de jornais, que seus amigos são.

O facto é este: Não tendo mais lugares a dar nem benesses a distribuir, para manter a sua posição politica—porque já está tudo *au grand complet* e o tesouro exhaustissimo, — o sr. Antonio Maria propõe-se contentar os vilões que o servem com as regalias e prerrogativas concedidas aos profissionais da Imprensa.

— Olhe, meu amigo—dirá ele, d'ora em diante, ao pretendente apresentado—emprego já lhe não posso dar. Dinheiro, já não ha; está tudo rapado. Quere você viajar quasi de graça, ter licença de uso e porte d'arma sem pagar, entrada permanente para os espectaculos no Parlamento...?

— Se já não ha mais nada...—murmurará o vilão.

— Pois bem. Vou pedir ao Pereira da Rosa uma Carteira de Profissional de Imprensa para você».

E com um atestado do sr. Pereira da Rosa de que o sr. Fulano dos Anzois é correspondente de *O Seculo* em Bordas d'Alguidar, ou do sr. José do Vale de que o mesmo sr. Fulano dos Anzois trabalha no *Rebate* desinteressadamente, por dedicação á causa e por môr do ideal, é concedida ao sr. Fulano dos Anzois a Carteira de Profissional da Imprensa.

— Exagero! — julgará o leitor.

Não ha tal exagero. O sr. Antonio Maria da Silva no decreto que confessa ser feito para beneficiar as empresas jornalisticas, lá o diz claramente: todo o individuo abonado pelo director do jornal tem direito á Carteira.

— Mas se um individuo não é profissional da Imprensa como pode ter a Carteira de Profissional ?!

— E' que o leitor ignora a definição de profissional dada pelo sr. Antonio Maria da Silva. Para o sr. Antonio Maria da Silva são considerados profissionais de Imprensa todos os individuos que trabalham nas redações, *sejam ou não remunerados*.

— Mas isso é uma burrice!



# O Cambão Financeiro

O desfiar da teia, o revelar dos nomes com clareza e verdade inteira!

Viram os leitores no nosso ultimo numero a rede de ligacões financeiras, permanentes e transitorias (como as de interesse comum que reuniu em acção contra o Estado os bancos devedores das 400.000 £) que partindo da Companhia dos Tabacos — o grande polvo — por fortes tentaculos domina e asfixia, toda a vida nacional: banca, imprensa, agricultura, industria, commercio, explorações coloniais, caminhos de ferro, minas, transportes maritimos, o diabo!

Viram que Angola, a nossa mais rica e importante colonia, é hoje feudo financeiro e mercantil do *Banco Ultramarino* e do *Banco Burnay*. Viram que, sem se falar em outros cambões de mais pequena importancia, não faltavam contudo, no schema que publicamos, os traços de união com todos elles.

Porque o *Cambão* é só um: enorme, dominador, absorvente, que com o peso dos interesses criados esmaga o país, a politica, a administração, tudo!

E como se não bastassem as ligacões e dependencias de todos conhecidas, examine-se a lista dos corpos gerentes das companhias e empresas para se tirar a ultima prova. Os nomes repetem-se incessantemente. São sempre os mesmos directores e administradores, os mesmos conselheiros fiscaes das Empresas com nomes diversos, mas no fundo filiadas todas no mesmo cambão.

Assim, por exemplo:

*Luis de Lencastre* aparece na Companhia dos Tabacos, no Banco Burnay, na Sociedade Torlades, na The Match Tobacco, etc., etc.

*João Ulrich* governa os Tabacos, o Banco Ultramarino, a Companhia das Aguas, o The Match Tobacco, a Companhia do Fomento Geral de Angola, a Companhia Agricola e Pecuaria de Angola etc., etc.

*Ernesto de Vilhena* dirige tambem o Ultramarino, a Fomento Geral, a Companhia dos Diamantes, a de Pescarias, a Agricola Pecuaria,

todas de Angola, e a do Boror e a da Zambezia, de Moçambique.

*Rolla Pereira* dirige o Banco Ultramarino, o Banco da Beira, a Companhia Nacional de Navegação, a do Cazengo, a Pecuaria de Angola, a Colonial Portuguesa, etc., etc.

*Baltazar Cabral* dirige o Banco Ultramarino, a Companhia Nacional de Navegação, a dos Diamantes, a do Petroleo, a de Pesquisas Mineiras de Angola, a Companhia Carvoeira, etc., etc.

O *Banco Burnay* faz parte da direcção dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, do Fomento Geral de Angola, da de Pesquisas Mineiras de Angola, da de Match Tobacco, etc., etc., sem falar em Henrique e Roberto Burnay ambos fazendo parte, além doutras, das dos Tabacos, dos Diamantes e Petroleo de Angola.

*Charles Bleck* é o da Casa Torlades, dos Fosforos, da The Match Tobacco.

*Henrique de Mendonça* dirige a Companhia Agricola do Principe, a dos Diamantes, a do Petroleo, o Banco Ultramarino, a Fomento Geral, a Pecuaria, a Colonial Portuguesa etc., etc.

Ha uma meia duzia, tais como Pedro de Gusmão, Dr. Moreira Junior, Conde de Monte Real, Conde de Mendia, Conde de Caria, Hugo O' Neill, etc, que o são ao mesmo tempo em varias companhias.

Como estes, espalhados por bancos, companhias e empresas de toda a ordem, um grupo reduzido de cidadãos que detem nas suas mãos, poucas vezes indiscutivelmente competentes, interesses de centenas de milhares de contos que lhes dão direito a mandar, a dominar e a corromper, sem proveito nenhum para os que lhes confiam o seu dinheiro e com prejuizos provados para o Estado e para a Nação!

Esta é a verdade, quasi toda a verdade, tudo o que conhecemos!

— Não dizemos menos disso.

— Se um individuo do exercicio da sua profissão não ganha, de que é que ele vive?

— Queira dar-se o leitor ao encomodo de perguntar isso ao sr Antonio Maria da Silva.

Mas os dislates do citado decreto n.º 10.563 não se resumem só a isto.

Leia-o o leitor atentamente, e se não rematar a estupefaciente leitura repetindo aquela exclamação incontida do governador civil, com a qual Raul Brandão faz cair o pano sobre a sua farça *O Doido e a Morte*, damos-lhe um rim dos nossos, garantindo-lhe, de ante-mão, o seu bom estado de conservação e de funcionamento.

# AS INVASÕES

## Dos falsos revolucionarios e dos adesivos — A dos negociantes e a dos me- diocres — A dos cordiais.

O nosso querido amigo sr. João Pedro dos Santos, com a sua inquebrantavel fé republicana affirmou no comicio que a Esquerda Democratica realisou em Evora, que, dos males que a Republica tem soffrido, um ha, que mais lhe tem minado o organismo, — as invasões.

Com effeito, de varias invasões a Republica tem sido vitima. A dos pseudos revolucionarios, a dos maus adesivos, a dos negociantes, a dos mediocres e a dos cordiais.

\* \* \*

Largos e extenuantes foram os trabalhos de organização revolucionaria, que precederam o movimento de 5 de Outubro. Contavam-se por milhares os conjurados que, na hora propria, deviam ocupar varios postos de combate á monarchia. Por força das circunstancias — e queremos acreditar que só por essa, — não appareceram a ocupar as posições que de arte-mão lhes tinham sido marcadas, senão uma desoladora percentagem de conjurados. Assim, ao acamparem-se as forças revolucionarias na Rotunda, o malogrado Machado Santos viu-se apenas com 40 atiradores civis, embora depois tivessem chegado ao acampamento mais elementos populares, mas ainda em reduzido numero, o que levou o heroico comandante da Rotunda a obrigar todos os individuos que por ali passavam, a pegar em armas. Pertencem á historia, são já do conhecimento publico, os factos que se seguiram.

Não nos pertence a nós relatá-los, nem foi essa a nossa intenção. Queremos apenas com isto demonstrar que 50 % das pessoas que, como revolucionarios de 5 de Outubro se inculcam, nem por qualquer outro local, onde se travaram lutas entre a Republica e a Monarchia passaram. Todavia, como tal foram reconhecidas, e como tal tem disputado e disputam rendosas situações adentro da Republica, com prejuizo dos autenticos e heroicos combatentes da gloriosa jornada que derrubou o trono brigantino.

Quando do 14 de Maio, observou-se o mesmo fenomeno, mas, então, mais correcto e aumentado. Perdeu-se todo o pudor. Até inimigos do

regime foram reconhecidos como revolucionarios, civis, e com esta chancela, alcançaram lugares para que não tinham competencia, ainda com a agravante dos desompenharem sem fé republicana.

Esta foi uma das invasões que bastante mal, fez á Republica.

\* \* \*

Seguiu-se a dos adesivos.

Seríamos injustos senão reconhecessemos que, para a Republica, vieram muitos homens de mãos limpas e alma lavada, no firme proposito de a servirem desinteressadamente, com o bons portuguezes que são, sendo hoje devotados e apaixonados republicanos. Mas estes, são uma pequena excepção á regra. Regra geral, a maioria desses homens aderiram ás instituições republicanas, só para manterem as suas situações anteriores, os seus empregos, as suas influencias locais, os seus negocios com o Estado, etc. Esses, ainda hoje não são republicanos. Tem com a Republica um mero contacto de interesse.

Nada mais. São marca Antonio Dias. Tem sido e são tudo, a dentro da administração publica: — deputados, ministros, governadores civis, directores gerais etc.

Invadiram a Republica, são hoje os dirigentes dela e dos seus partidos, perseguem e vexam os autenticos e sinceros republicanos que, aos seus pés, se não curvam.

A invasão dos maus adesivos foi a que mais mal fez, fez e fará á Republica, e de que o partido democratico é o unico responsavel, porque foi o que fez o seu maior recrutamento, sem reparar a qualidade, tendo só em visto o numero, na sua obsessão de mando.

\* \* \*

Com a guerra, foi a Republica invadida pela turba-multa dos negociantes. Estes, tornaram-se politicos, e os politicos tornaram-se negociantes. Estabeleceu-se adentro dos negocios do Estado um sindicato de politica e negocios. Fez-se o

plano, ramificou-se, e então assistimos a isto: Um chefe da repartição de fiscalização dos serviços de moagens e padarias, sai deste serviço e passa a director de uma companhia de moagem.

Um antigo ministro da Agricultura sai de ministro, e entra para uma sociedade de moagem com uma cota beneficiaria. Desta sociedade fazem parte antigos ministros, antigos e actuaes deputados, versadores, altos funcionarios do Estado, que anteriormente eram pobres como Job, e hoje são nababos. Aquela parceria viciada Marques de Sá, é um sintoma deste sindicato de politica e negocios.

Ha ali de tudo, desde o sr. Afonso Costa ao sr. Germano Martins, do sr. Souza Rosa ao sr. Baptista da Silva, do sr. Adriano Pimenta ao sr. Alfredo Pinto que tambem é da Sociedade de Moagem Vila Franca e Bomfim. São todos ricos!

Mas ha mais. Um antigo ministro das Finanças, o sr. Pina Lopes, saiu do Terreiro do Paço, para o Beato, como director da Manutenção Militar, e daqui safu para director da grande moagem, a Portugal e Colonias, e hoje é o alto mentor da maior empreza jornalística do país. Ha caixeiros ministros e ministros-caixeiros, e nesta confusão de cargos confundem os negocios do Estado com os negocios das emprezas que os sustentam. Ha de tudo: deputados, ministros, altos funcionarios, que são ao mesmo tempo empregados, dos Bancos, dos Tabacos, da Ceramica, das emprezas de exploração colonial.

Foi com esta confusão de negocios que teem sido possiveis todas as escandaleiras que nos envergonham e nos deprimem.

A invasão dos negociantes na administração da Republica implantou, entre nós, o regime da corrupção e da veniaga, que nos tem dado maus dias, e maus dias nos durá, se uma forte rajada de bom senso e de moral, o não afastar de vez.

\* \* \*

A mediocridade invadiu todos os departamentos do Estado. Ha funcionarios com categoria de director geral, que são analfabetos. Ha ignorantes chapados que exercem altas funções: são vereadores, funcionarios superiores da Republica, chefes de gabinete e secretarios de ministros. O parlamento é o melhor ponto de observação da mediocridade imperante.

É o Custodio Paiva, o José de Napoles, o Agatão, o Trilho, o Serras, os Rodrigues, o Pereira Gil, o Silva Barreto. Estes são o nível. Do ministerio, nem falar.

Corre impresso, um relatorio militar do actual ministro das Colonias, cuja redacção envergonharia um collegial primario. Os seus despachos são motivo de riso para os funcionarios. O grande estadista Gaspar de Lemos, o grande pedagogo Santos Silva, o enciclopedico Torres

Garcia, são a admiração do mundo inteiro. Então o Silva? O sr. da Silva! E' a maior gloria de Portugal. Talento, argucia, inteligencia, cultura, de tudo possui em abundancia, o grande presidente do ministerio. Os seus discursos são dos que sempre marcam. O seu poder de dicção é dos que encanta. A sua palavra é sempre brilhante e compreensivel.

A sua obra como politico e como estadista não precisa de reclamos; está patente.

São estes os talentos, que nos governam e que teem levado o País para o abismo de que se aproxima.

São estes mediocres que dirigem e comprometem a Republica.

Querem maior prova do que é este baixo imperio de mediocridade, do que esta do partido democratico fazer relatôres o orçamento do ministerio dos Estrangeiros, nas camaras a que pertencem, o Agatão Lança e o Santos Graçal

O sr. Agatão Lança tem categoria social para ser o relator do orçamento do Ministerio dos Extrangeiros, é official da armada, o que não tem, é categoria mental, — é um *nado obtuso*.

O Santos Graça é analfabeto. Não falamos na sua categoria social, o facto de ter sido pescador e hoje ser um regular comerciante da Povoia, não o impossibilitava de ser o relator do orçamento dos negocios estrangeiros, desde que tivesse inteligencia e cultura. Mas não se trata dum destes casos em que humildes filhos do povo, servidos por uma forte inteligencia e uma forte vontade, embora sem curso, se afirmam pelo estudo e pela leitura. Não. O Santos Graça, é um ignorante completo.

E foi com esta invasão de mediocres que foi possivel levar a administração publica ao caos em que se encontra.

\* \* \*

Vem finalmente a invasão dos cordiais.

Deixamo-la propositadamente para o fim. É a maia amena, a mais suave. Os cordiais são muito boas pessoas, bons rapazes, são os idolatras da *madame* «Conveniencia».

Sempre de sorriso facil nos labios, os braços, sempre abertos em constantes amplexos. Todos são queridos amigos. As nossas familias merecem-lhes especial cuidado. Adoram os nossos filhos. Na sciencia, são sempre superiores. Na politica, são muito cordatos, nada de facciosismo. Os esquerdistas são bons, mas os bonzos tambem não são maus. Os nacionalistas são muito trataveis, e nos lealistas tambem ha boas pessoas. Os cordiais nunca se zangam, mas teem um poder de intriga colossal. São de uma hipocrisia fantastica, com a mesma facilidade com que um dia proclamaram que não descem a sentar-se ao lado de determinados homens publicos, chamam-lhes, no

# A razão das nossas perguntas

## Contas de saco, vergonhas sem nome e segredo em tudo!

Ha ano e meio que a crise financeira de Angola e Moçambique continuamente se agrava. No inicio do seu periodo mais agudo foi nomeada uma comissão de estudo das bases de uma reforma bancaria do Ultramar. Que é do trabalho dessa comissão? Já o fez? Onde está?

Se o não fez, não julga tempo de o concluir? De Angola e de Moçambique ninguém pensa em transferir dinheiro para a Metropole.

Ambas as colonias agonizam. O dinheiro de Moçambique para ser transferido para a Metropole sofre a depreciação de 90 %. Não será tempo de se olhar para isto? Ou querem que todos os miseraveis, que nas colonias labutaram, se ergam a pedir justiça e severas contas?

Está-se discutindo o novo regime dos Tabacos. Não basta, porem, que, de futuro, o Estado lucre e a Nação ganhe.

E' necessario que se verifiquem as contas da Companhia. Em principios de 1924, o Parlamento votou um exame á escrita da Companhia. Fez-se apenas um exame parcial e averiguou-se que a Companhia deixara de pagar e retinha abusivamente  *vinte e tantos mil contos*  que eram do Estado.

As manigancias que se fizeram depois não garantem que o Estado tenha recebido tudo o que lhe é devido.

Porque espera o Parlamento?

Vote-o, mas de modo que ele venha a ser uma realidade e uma sanção. Que o Estado receba tudo o que lhe é devido! Que as contas sejam examinadas por quem  *inteligente e honradamente*  saiba examina-las. Ou isto é roça dos snrs. da Companhia!?

Só ao Parlamento compete resolver questões da circulação fiduciária da Metropole e das Co-

lonias.  *Assim o estabelece a Constituição.*  Pois o Governo Antonio Maria da Silva, de surpresa e em segredo quasi, publicou um decreto terminando com a circulação das notas-libras de Moçambique.

Quem lucra com ele?  *Só o Banco!*

O Estado está arriscado a perder cerca de  *100.000 £!*  A provincia de Moçambique tem enormes prejuizos. Têm-nos os portadores das notas.

Que faz então o Parlamento?

Revoga ou não o decreto?

*Muito bons amigos tem o Ultramarino na politica e no Governo! . . .*

Foi o snr. Dr. Alvaro de Castro a unica voz de protesto contra a escandalosa liquidação do caso das libras devidas pelos Bancos ao Estado. Escreveu aos jornais. Anunciou uma interpelação ao Ministro das Finanças sobre o caso. Quando se realiza?

Julgamos que para dignidade da Republica já não é sem tempo.

Todos sabem os aspectos escandalosos que tem assumido a questão das Reparações já recebidas e a receber da Alemanha.

Politica estúpida e atrapalhada de começo. Politica de favor tismo, depois. Os contratos, muitos, pelo menos, são uma verdadeira desgraça para o tesouro. Preços muito superiores aos do mercado, comissões, requisições desnecessarias, delegados pouco escrupulosos, um horror e uma vergonha!

Quando se diz ao país tudo o que ha a tal respeito, para chamar ás responsabilidades tantos que as tem, e enormes, nesta vergonha e neste descalabro — porque são uma e outra coisa para nós. infelizmente as Reparações? Quando?

outro dia, queridos amigos, Não tem só, tem interesse.

Reputamos esta, uma das piores invasões de que tem sido vitima a Republica. Os cordiais, pela sua intriga, pela sua hipocrisia, sem um enfado, sem uma zanga, vão-se infiltrando, afastando os sinceros republicanos, os desinteressados, porque com facilidade se fazem acolitar

pelos simples, levando-os até a hostilizar os seus antigos companheiros de luta.

Quere dizer que os cordiais sejam muito perigosos? De nenhuma sorte.

Afastam-se facilmente, basta que os autenticos republicanos abram os olhos e não os acreditem.

Se assim não fizerem. . .

# Altos commissarios a... dias

Se ainda ha grandes homens neste pais, é caso de desejar que não se consiga descobri-los para administrarem Angola e Moçambique, na vaga já aberta do sr. Rego Chaves e na vaga provavel do sr. Azevedo Coutinho. Desejamos antes, que quaisquer democraticos, necessitados de dinheiro, venham a ser contemplados com esses governos, porque, ao menos, não se queimam homens que possam fazer falta á Republica e ás colonias.

Eu explico-me. A concepção dos altos commissarios exige antes de mais nada um *homem*. Mas só isso? Não. Exige tambem que esse homem possa pôr em acção as suas facultades. Exige continuidade de acção e condições para essa acção ser util. Exige que esse homem tenha todos os elementos para governar.

Pelo que toca a Angola — e *mutatis mutandis* pode dizer-se o mesmo a respeito de Moçambique — muita gente julgou, nesta terra que dir-se-hia ter sido scenario de todas as historias maravilhosas, que a simples nomeação de um alto commissario, miraculosamente, mudaria, de subito, a face das coisas, na grande colonia abandonada.

A nova designação dos governantes coloniais, por si só, era uma palavra magica que, como nos contos de fadas encantadas, tornaria o solo exuberante, faria de toda a parte brotar o petroleo e as pedras magnificas e alastrar as bagas vermelhas do café, levaria a riqueza aos lares dos colonos, equilibraria as receitas publicas, resolveria o problema cerealifero da metropole, e onde ha florestas impenetraveis e infindas, faria surgir, como a luz biblica surgia das trevas, doces e laboriosas aldeias, povoadas duma multidão deligente de colonos tranquilos e felizes. Era a varinha mágica.

Ainda hoje Angola, parece que aferrada á ideia de que *alto commissario* e *felicidade* são expressões sinonimas, clama por um alto commissario, quando, salvo melhor opinião, tinha outras coisas mais interessantes a reclamar.

A questão de saber se se as nossas colonias devem ou não ser submetidas ao regime de altos commissariados, de saber-se se a sua população branca, em numero e em qualidade, justifica uma larga descentralização administrativa, é uma questão muito curiosa mas que não se pode tratar nos estreitos limites dum artigo ligeiro.

Digamos, apenas de passagem, que, com a criação dos altos commissariados em 1920, não se produzia a larga descentralização administrativa que, á primeira vista, se julgou ver nesse pomposo regime. Deu-se apenas, — e julgo que este ponto de vista não tem sido devidamente focado — uma desconcentração de funções. Quer dizer: deu-se uma desconcentração de funções do Mi-

nistro que está no Terreiro do Paço, para o governante chamado alto commissario, que está no palacio de Loanda ou no palacio de Lourenço Marques. A colonia, propriamente representada pelas suas *élites*, não *governa* mais nem menos do que governava em 1920, pela razão simples de que não governa coisa nenhuma, que não se administra a si mesma. O Conselho Legislativo é um autentico *bluff*, uma tribuna de funções reduzidas, onde predominam os membros do Conselho Executivo, isto é, os funcionarios superiores da colonia. O que se dá apenas é que os colonos — e é talvez por isso que não se conformam com a ideia do regresso ao governo geral — teem, digamos assim, ao pé da porta um desdobraimento do Ministro das Colonias ou seja o Alto Commissario. O que caracteriza a larga, a ampla descentralização administrativa e legislativa de uma colonia, como succede em algumas colonias estrangeiras, é precisamente a reduzida função do alto commissario, méro traço de ligação entre a metropole e a colonia marchando para uma autonomia cada vez maior.

Não se dá isso em Moçambique e em Angola onde todo o poder clara ou disfarçadamente está concentrado num só homem — o alto commissario.

Não podia ser de outra forma nas colonias portuguezas, que teem uma fraca população branca? Concordamos.

Mas o que vemos por outro lado, é que este alto commissario, este homem que manda tudo, vai para Angola — para falar só de Angola — e não tem ao seu dispor uma coisa vil mas indispensavel — o dinheiro.

Concordemos tambem que ha até algo de irrisorio nesta situação.

E' a colonia a iludir-se, supondo que se administra a si propria. E' o alto commissario a fingir que *governa*, mas tendo de limitar a sua acção a transferir sargentos e a colocar chefes de posto.

Tem o Banco Ultramarino o privilegio da emissão de notas. Pode o alto commissario no mais pomposo dos diplomas legislativos, criar um Banco privativo, que esse Banco, como o de Angola no tempo de Norton de Matos, ficará no papel. Pode o alto commissario dar as voltas que der ao problema financeiro, que esbarra sempre com um poder superior — o Banco Ultramarino. Pode o alto commissario ser uma grande mentalidade, um grande caracter, um homem excepcional, que está sempre manietado para resolver as altas questões de administração.

A questão colonial não é mais do que um aspecto do problema nacional. Depende inteiramente da solução deste problema.

# A CRISE

## O governo toma perante ela uma attitude de escarneo

Não sabemos que mais deva espantar-nos: se a indiferença que manifesta o governo pela crise economica que ameaça subverter nos, se a apatia e a resignação dos desempregados (que atinge nalgumas industrias 60 por cento) que vêem os seus lares invadidos pela miséria a mais atraz.

E' na verdade de não acreditar o que nossos olhos vêem.

A nenhum outro governo da Europa occidental seria permitida uma tal indiferença, que é criminosa no mais a'to grau, quer se encare sob o aspecto moral e humanitario, quer se encare sob o aspecto administrativo. Mesmo sem haver a pressão da opinião publica, nenhum outro governo de país civilizado deixaria sem socorro e providencias uma tão larga percentagem da população, entregue ao desespero e á fome. A assistencia áqueles que uma crise geral arremessou para o desemprego não é um favor é um dever do Estado moderno. Desconhece-se por ventura que o maior valor economico duma nação é o trabalho humano? Sem ele, como fazer acionar a maquina? Como arrancar do sub-so'lo os minerios e os combustiveis? Como fazer florescer os campos em mésseas douradas? Como afrontar os mares levando ou trazendo a mercadoria ou ainda colhendo neles uma parte consideravel da alimentação humana? E porque o esforço humano é o maior factor de riqueza dum país, por toda a parte os Estados modernos manifestam um grande zelo no estudo dos problemas que interessam á valorização das raças. Com este intuito foram criados os departamentos de hygiene publica, de previdencia social, de instrução geral e profissional.

Isto obedece ao fim ultimo de produzir e manter cidadãos fisicamente saões e aptos ao exercicio das mais variadas profissões. Por toda a parte se reconhece a conveniencia colectiva de proteger o trabalho humano porque é ele, repetimos, o principal factor da riqueza da nação.

O Estado, sobretudo o Estado democratico, é o regulador dos interesses gerais, não tem nem pode ter a função de proteger uns e abandonar os outros. Vezes sem conto succede que um inverno rigoroso, um ciclone, um fenomeno sismico, devastam uma região. O Estado logo acode enviando socorros directos, estimula e patrocina as iniciativas particulares que sempre surgem, pressurosas em auxiliar e valer á miséria e desgraças alheias. E' isto naturalissimo, acudir áqueles que a desdita atingiu.

Vemos, porem, que a concepção democratica do Estado aos olhos do snr. Antonio Maria da Silva é cousa

bem diversa. Ha tempos, o Estado cedeu aos bancos a quantia de 420.000 libras para valer a situação que interessavam apenas a algumas dezenas de individuos que não eram por certo catalogados na categoria dos necessitados.

Agora mesmo o Estado pensa em acudir á situação de certos Bancos que vivem com difficuldades. Com a sorte desses, sim, preocupa-se o snr Antonio Maria da Silva. A democracia do sr. Antonio Maria da Silva é, pois, a democracia dos banqueiros. Os 60 por cento de operarios desempregados, esses não teem jornais que façam ouvir a sua voz, e a maior parte deles nem do voto sequer dispõem para afirmar a sua vontade politica. Que importa ao chefe do governo esta sub-gente que nada pode?

Que a fome alastre, que familias inteiras agonizem na miséria a mais indisciplinavel, é isso indifferente ao homem a quem o país confiou os seus destinos, é isso um caso sem importancia de maior para um democratico como o sr. Antonio Maria da Silva. Se este homem publico não tem o proposito de experimentar até onde vai o limite da paciencia popular, parece-o. Porque quem tivesse tal proposito não procederia de maneira diferente.

Para tal governo, tal povo Póde impunemente um tal homem, sem a noção do interesse colectivo, governar um, dois, trez anos. As massas populares estão abatidas, sem vontade, sem fé, sem querer. Prostou-as sem alento o desgano. Elas olham para os pinaculos do poder e vêem lá o antigo carbonario que ha alguns anos atraz clamava com elas em unisono contra a injustiça social, contra o Estado que a uns protegia e a outros aguilhoava. Foi em face desta desigualdade de tratamento que se pregou a Republica, foi para terminar com os privilegios dos poderosos que ela, a Republica, criou herois e impoz sacrificios.

Esse homem funesto que chefia o governo e a quem são indifferentes a miséria e o sofrimento das camadas populares, diz-se, por ironia, republicano e democrata.

Não lhe basta denegar por todos os seus actos administrativos a doutrina democratica; ao seu espirito satânico satisfaz ainda o escarneo.

Ha 60 por cento de operarios desempregados, milhares de familias estorcendo-se na ignominia e na desgraça?

Pois aguentem-se, dirá ele, estendendo a mão aos banqueiros.

Que pode então fazer um alto commissário? Que se pode esperar de um alto commissario?

Mas a colonia em vez de reclamar a solução do problema bancario, sem o qual nada ha a fazer, pede apenas que não lhe tirem o espectacularoso governante que finge que governa e que lhe dá a ela tambem a impressão de que se governa a si propria.

Ha que fazer-lhe a vontade?

Muito bem. Mandemos-lhe então altos commissarios... a dias, altos commissarios para queimar. Serve qualquer democratico esfomeado.

Para fugir que governa, até servia o sr. Rodrigues Gaspar, simbolo da inação, que adora os automoveis do Estado, e que, segundo os jornais, é a pessoa encarregada de procurar no bal-

cão democratico altos commissarios para Angola e Moçambique. Porque não?

Tarde ou cedo, a bem ou a mal, isto tudo ha de entrar nos oixos. Ha de resolver-se — porque não havemos de ter fé? — o problema bancario das colonias. E' o momento então de se mandar para lá — homens.

Até esse dia, façamos votos por que só se queimem mediocres, todos os mediocres.

Ainda não chegou a hora dos altos commissarios para governarem a valer, representantes autenticos de um Poder Central forte, de uma metropole digna de grandes colonias. Estamos, infelizmente, na hora dos altos commissarios... a dias.

NÓBREGA QUINTAL



# O sr. Antonio Maria da Silva

# NA CRUZ

apreciado pelos jornalistas

Na reunião magna da classe dos jornalistas profissionais em que se protestou contra a parva doutrina do decreto que permite aos amigos do chefe do P. R. P. o assalto á «Carteira» do jornalista, um colega nosso lembrou-se de perguntar a cada um dos profissionais presentes o que pensava do sr. Antonio Maria da Silva como politico e como estadista.

Excederam a um cento as respostas que aquelle nosso colega só ali conseguiu para o seu curiosissimo e valiosissimo album, cujas paginas, em que se contem o juizo expontaneo e sinceramente expresso por dezenas de nomes que marcam no jornalismo contemporaneo, constituem um formidando atestado de nulidade ao homem a quem estão confiados os destinos do país.

Individuos de todas as ideias responderam ao inquerito, e pelas respostas obtidas se verifica que monarchicos, republicanos conservadores e radicais, socialistas e sindicalistas teem a mesma opinião acerca do valor politico e da capacidade de estadista do chefe do governo.

Ha, dentre essas respostas, desde a ironia amarga e contundente como esta:

*E' um homem que anda a depremir o que poderia haver de interessante na velhacaria.*

até ao mais soberbo e arrogante desprezo, como por exemplo:

*Do Antonio Maria da Silva... não posso pensar nada.*

ou

*Não digo. Ha verdades que se não dizem.*

Desde o conceito sobrio e pezado como chumbo, como este:

*Para lá dos Piryneos é Africa, diz Maurice Barrés. Realmente, em qualquer país que não fosse africano, o sr. Antonio Maria da Silva não iria alem de regedor.*

até á síntese sêra e brutal:

*Como politico é um tamanco.*

Irredutivel se mostrou o nosso colega, feliz possuidor do album, em nos conceder a publicação do inquerito. Esse album, cujo valor futuro



Eduardo  
FARIA

**O pobre Zé, crucificado, procura, sem o vêr, o bom ladrão...**

estará na originalidade e no ineditismo, destina-o ele para o seu filho.

Ah! Como poderá essa criança compreender — quando, homem feito, ler essas paginas do album de seu pai, — esta coisa paradoxal de emquanto os jornais da epoca chamavam *ilustre estadista* ao sr. Antonio Maria da Silva, os jornalistas, os homens que escreviam esses jornais, unanimemente o julgavam uma besta?

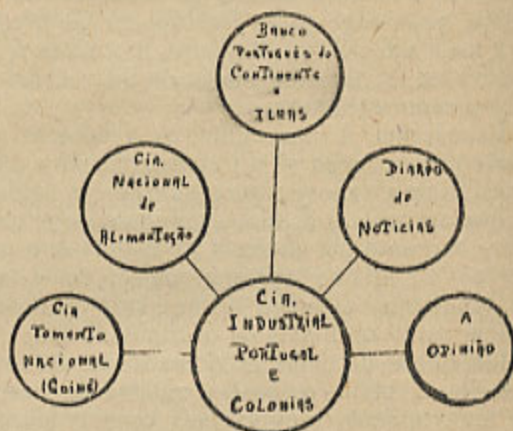
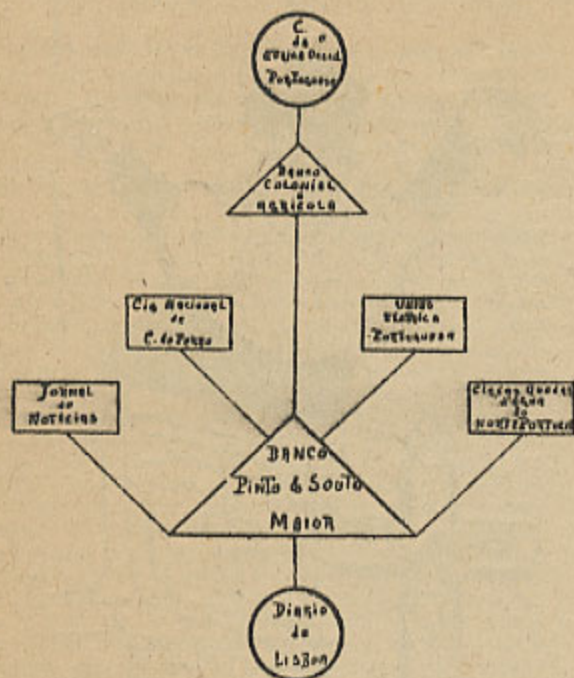
Uma das respostas ao inquerito poderá explicar-lhe o paradoxo. Diz um dos jornalistas inquiridos:

*Sou forçado, como redactor do «Diario de Noticias», a dizer que é um «politico illustre».*

Oh! sim! Se os jornais fossem dos jornalistas, não seria possivel a um Antonio Maria qualquer, ser chefe do governo duma nação.

# Os dois pequenos "cambões"

Sotto Mayor e a Moagem  
tambem teem  
a sua rede poderosa



No proximo numero leiam a explicação dos graficos

## O CONGRESSO GERAL DA ESQUERDA DEMOCRATICA

Realisa-se nos proximos dias 24, 25 e 26 do corrente, no Liceu Camões

Continua aberta a inscrição para o congresso geral da Esquerda Democratica, na séde da sua comissão central, rua de Santo Antonio dos Capuchos n.º 43-1.º.

O preço da inscrição é de 5\$00 por congressista, podendo inscrever-se como tal, os antigos ministros, os antigos e actuais parlamentares, os antigos governadores civis, todos os membros das comissões central, municipais e paroquiais, os vogais efectivos e substitutos das corporações administrativas, os directores dos centros e dos jornais, integrados na Esquerda Democratica.

Para os congressistas do Norte, a inscrição faz-se no Centro Republicano Democratico do Porto, á Praça Carlos Alberto, devendo a correspondencia ser enviada ao sr. Antonto Martins.

Para os do distrito de Coimbra faz-se no Centro Republicano da Esquerda Democratica, á Rua da Sofia. A correspondencia deve ser enviada ao sr. Adriano Brandão.

Os congressistas do distrito de Evora inscre-

vem-se no Centro Republicano Democratico, á Rua 31 de Janeiro. A correspondencia deve ser dirigida ao sr. engenheiro Bernardo Jorge.

Na séde do Centro Democratico Bejense, está aberta a inscrição para os congressistas do distrito de Beja, devendo a correspondencia ser enviada para o sr. Soveral Rodrigues.

Para os congressistas do Algarve está aberta a inscrição no Centro Democratico de Faro, e a correspondencia deve ser enviada ao sr. dr. Manuel Pedro Guerreiro.

Os congressistas tem 50 0/0 de abatimento em todas as companhias de caminho de ferro, com excepção da Beira Alta, e 20 0/0 em varios hotéis da capital.

A comissão central solicita a todas as pessoas e colectividades com direito a assistir ao congresso, o favor de fazerem urgentemente as suas inscrições, afim de a secretaria não ser sobrecarregada com serviço nos ultimos dias que precedem o congresso.

# OS NOSSOS CAFÉS

Eu não quero que os nossos cafés tenham o aspecto pretencioso de *tertulias*. Mas o que não aceito é a sua falta de caracter e de expressão. Lisboa no seu *bas-fond* politico e social é uma cidade que se limita a esbracejar epilepticamente. Não pensa, não raciocina, não argumenta. Desvaira...

Não sei se os senhores já repararam que nos nossos cafés não se conversa, apenas se berra. Em cada meza ha um comicio. E de todos estes comicios saiem apenas insultos.

Entre nós qualquer questão tem apenas duas faces. Ou simpatia ou inimizade. Dentro destes limites estreitos a intelligencia não tem lugar, nem é necessaria. E quando não chega o *patois* desbragado de viela canalha, recorre-se ao sóco. Ao soco e ao gesto convincente de levar a mão ao bolso trazeiro das calças...

Da discussão sai a luz, dizia-se em velhos tempos. Hoje, da discussão saiem apenas cabeças partidas. Os nossos cafés, temos de o confessar, não passam de tabernas com espelhos...

Não fazemos referencia especial aos cafés politicos. Tratamos de todos em geral, com as suas populações especiais, mas absolutamente identicas na exteriorisação conflituosa das suas divergencias.

— Onde vai você?

— Vou ali ao café, partir a cara a um pulha!

O café transmorma-se num campo de batalha, num teatro de paixões reles, numa alcova de miserias intimas. A roupa suja lava-se em casa. Qual! Em Lisboa lava-se nos cafés...

O *Martinho* é um café onde os bachareis se esquecem de que não tem modo de vida. No *Chave d'Ouro* andam alguns homens que não são, ao certo, nem conservadores, nem avançados e para quem a politica, para eles só feita de revezes e de azares, é um motivo constante de amarguras e despeitos.

No *Nacional* os bonzos tomam café depois das refeições, com a tranquillidade de quem traz o regime na barriga. E na *Chic*, os actores, os actores, os emprezarios e as actrizes se muitas vezes se não maçam é porque sabem, com desespero, que a policia é indiscreta ..

Entrêmona na *Brasileira*, do Chiado. Estamos no café dos intellectuais. Antigamente a *Brasileira* era um cubiculo imundo com uma população que almoçava e jantava café com leite e bolos de arroz. Afonso de Bragança foi dêste tempo. Depois vieram as obras. E com

as obras, os quadros dos artistas da geração nova...

A *Brasileira* é um café de jornalistas. Quem faz vida pelos jornais — com todos os vicios e as falsas concepções da grande imprensa — facilmente se deixa envolver num baixo criterio de conveniencias e de erros.

Ha excepções. Mas a maior parte dos nossos jornalistas tem uma noção mesquinha e estreita da realidade. Deformam a propria vida. Existem, como a gente de teatro, dentro dum mundo convencional...

Os quadros da *Brasileira* que são tambem a vida deformada, tem pois uma grande razão de ser. Estão de acôrdo com os frequentadores do café. Isto ninguem o tinha dito ainda mas é necessario fixa-lo definitivamente. O destrambelhamento das telas, a sua desconexão, o seu ar falso, a sua falta de sinceridade e até a sua desproporção, tudo se casa e comunga em absoluto com os *habitués* do café. Ha quadros que chegam a parecer retratos.

Digam me se aquelas arvores emaranhadas do Eduardo Viana, não se assemelham a certas paginas de 5.<sup>a</sup> feira, do Norberto d'Araujo, onde o fio da logica se perde e confunde numa inverosimel teia de palavras? ..

E os bonecos do Almada não nos sugerem a prosa dura e aspera de muitos escrevinhadores de jornais? Aquelas pombas escarrapachadas pelo José Pacheco não nos lembram logo o sr. Manuel de Sousa Pinto? Os saloios do Barradas não nos evocam . Basta. E' melhor não prosseguir...

A *Brasileira* é um café de intrigas e de scenas de pugilato. Os despeitos de redacção vão ali todos parar. Ali, se as facadas da má lingua deixassem cicatriz, estes homens da *Brasileira* estavam todos irreconheciveis!

Este café com a sua prosapia intellectual, com as suas obras de talha, os seus frequentadores e os seus mamarrachos pendurados nas paredes — é uma hecatombe suspensa. E' um cataclismo que todas as manhãs se transforma na realidade triste de meia duzia de maus jornais.

Lisboa é uma capital por civilizar. E' um sertão que precisa de missões laicas. Missões de espirito, de correcção e de lealdade. Os nossos cafés são pequenas aldeias barbaras...

Tudo isto está certo. Mas no entanto todas as nossas horas livres se passam nos cafés. No *Italia* reúnem-se as esquerdas e al-

## OS VEXAMES DOS "BUFOS"

Sr. Director: — Recorro ao seu vibrante semanario para tornar publico o protesto dos habitantes pacificos de Lisboa contra o permanente vexame policial de que estão sendo vitimas.

Isto é intoleravel! Os elementos governativos d'este país a saque, devem trazer, com certeza, a consciéncia muito aos saltos, para adoptarem o inquisitorial vexame dos esbirros perseguirem as pessoas que despreocupadamente seguem seu caminho; as pessoas que na rua param a falar a outras que encontram; as pessoas que entram num café a passar uns momentos de conversa com dois ou três amigos. Isto é intoleravel, sr. Director! Isto é uma terra de esbirros, de parasitas, de policia secretas, de bufos, que além de custarem uns milhares de contos ao Tesouro, espalham o terror sobre os timoratos. Não ha vadio que não seja bufo. Quem não quer trabalhar e se quer fazer valer perante o sr. Antonio Maria, ingressa na espionagem Calcula-se que haja em Lisboa, pagos pela P. S. E. ou pelo cofre secreto do sr. ministro do Interior, para cima de 3.000 bufos! Só officiaes — veja a vergonha! — uns para se conservarem em Lisboa indevidamente e outros á espera de comerem tambem, à sombra dos que comem e eles guardam, são mais de 200! E' claro que pode haver exagéro de numeros; mas o facto de haver muitos bufos e entre elles muitos officiaes é simplesmente vergonhoso. E, afinal apurados os resultados, que vemos? — uns milhares de contos esbanjados; seiscentos mil cidadãos permanentemente vexados pela perseguição de milhares de bufos officiaes; a sairem para a rua todas as revoluções e o Governo só o saber quando são disparadas as peças! Isto é que é policia! O facto de serem vencidas as revoluções não conta: são sinais do protesto nacional contra o saque que éstes politicos estão fazendo ao País; contra a asfixia que mata todos os que neste País são honrados e desejam trabalhar; contra o facto ainda não ha muito apontado na imprensa pelo sr. Bernardino Machado, de que «vivemos verdadeiramente em monarchia».

Então já não se pode repetir tudo isto do amigo para amigo, sem o risco de ser vexado pela policia secreta? Onde está então a liberdade (e mais que liberdade, o dever) de dizermos a verdade? Chamam a isto conspirar? Pois se criticar, como cidadãos livres, o procedimento dos

individuos e factos politicos é conspirar, então toda a gente conspira os governos e os seus processos estão condenados pela opinião publica. Além disso, ninguem, neste País, é mais conspirador do que o sr. Antonio Maria da Silva — é só estar fora do Governo. No tempo de Sidonio Pais chegou a mandar vir officiaes nossos de França, só para conspirar. O Director da P. S. E. ainda não ha muito conspirava, assinando até um celebre manifesto; o seu adjunto, eterno aspirante (como o sr. Duarte Ferreira) a todos os lugares que vagam, consta que mesmo agora conspira com as juntas e conspirou contra o sr. Bernardino Machado, em 21 de Maio de 1921 (por sinal que, devendo estar ao serviço na artilharia do Matadouro, foi dormir para casa). O sr. Barbosa Viana é um produto conspiratorio do triste 19 de Outubro.

Mas, como agora comem por varias folhas, esteodem éstes cavalheiros uma ignominiosa réde de bufos officiaes e não officiaes para que ninguem perturbe a digestão destes magnates. Não se pode falar com ninguem sem que se coloque logo ao lado um bufo a ouvir, para ir contar e deturpar. Tudo é serviço. E como todos se desdobrem logo, fica-se sob a ameaça do calabouço ou do corte dos viveres.

Todavia, o Governo, armando em perseguido de conspirações, sabe bem que está garantido por uma defesa verdadeiramente pretoriana, que lhe guarda as costas e os interesses. Quanto custa esta solidariedade? Sai dos Fosforos ou dos Tabacos? Da Nação é que sai.

Mas agora me lembro, sr. Director: esta atmosfera deve ser criada pelo proprio Governo, por causa justamente dos tabacos. E' preciso comer dumavez uns milhares de contos, que em regime livre só entrariam em parcelas, dia a dia, pelas alfandegas. As eternas fitas do sr. Antonio Maria da Silva... Isto é asqueroso.

Ó da guarda! Quem nos livra de tanto bufo?

Vive toda a gente desconfiada; anda se sob a pressão do terror. Todos os cidadãos pacificos andam desconfiados uns dos outros. Isto é insupportavel!

Muito obrigado, sr. Director pela publicidade d'este desabafo. — José Joaquim Maldonado, proprietario, de 56 anos, por desgraça morador forçado em Lisboa.

guns velhos republicanos. E' um café quasi pacato e onde a certas horas se consegue conversar amenamente. O Dr. Fortunato da Fonseca é a sua figura representativa.

Nêle revivem cincoenta anos de politica e literatura, a que o seu espirito mordaz dá côr e pitoresco...

Os cafés de Lisboa são baços e incaracte-

risticos. As suas populações anonimas e barulhentas não mereciam mesmo esta cronica. Mas numa revista panfletaria não fica mal de vez em quando, uma pagina a traços largos, de paisahem da nossa vida quotidiana — breve *intermezzo* em nossas campanhas demolidoras...

# Será verdade?

Contaram-nos ha dias um facto, que a ser verdade, — o que não nos repugna acreditar, — é mais um elemento de prova contra este império em que se vive.

Publicou se ha tempo um decreto sobre fiscalização da exploração de caminhos de ferro. Contra esse decreto, manifestaram-se, como é natural, as Companhias de caminhos de ferro, visto que, por esse decreto, eram obrigadas a entrar com as verbas que, das sobretaxas, pertencem ao Estado, em tempo e a horas.

Ha dias, o director geral da fiscalização snr. engenheiro Duro Sequeira, foi chamado pelo telefone ao gabinete do bonzo-mór deste reino. O referido engenheiro dirigiu-se imediatamente para o ministerio do interior, entrando no gabinete do respectivo ministro, que tambem é engenheiro consultor da C. P. e aguardou que lhe perguntassem a que ia. Como o tempo passasse sem que nada lhe fosse dito, resolveu dirigir-se a um secretario. annunciando se e preguntando o que lhe desejavam.

O secretario correu solcito ao gabinete do sr. Antonio Maria da Silva, voltando imediatamente com ordem para o sr. Duro Sequeira entrar.

Uma vez no gabinete do sr. Silva, que aquele senhor não conhecia, o presidente do ministerio, que estava acompanhado dos srs. ministro do Commercio, Fernando de Sousa, Germano Martins e Rui Ulrich, teria dito ao sr. Duro Sequeira: Colega, mandei-o chamar porque da C. P. e Vale do Vouga, queixam se que o colega juntando os factos ao nome os não deixa á vontade.

O sr. Duro Sequeira, segundo o nosso informador, teria dito que apenas cumpria a lei, defendendo os interesses do Estado.

A que se desceu já dentro desta Republica! Chamar-se um funcionario ao gabinete do presidente do ministerio e convidar-se a não cumprir a lei!

Com esta gente tudo é possível.

## Nóbrega Quintal

Advogado

Processos em todos os tribunais — Recursos para o Conselho Colonial

RUA DOS BACALHOEIROs, 139, 2.º, D.

TELEFONE C. 2547

LISBOA

## A CHOLDRA A CAPACIDADE JURIDICA



*Após a sessão em que foi apresentada a proposta do desejado reconhecimento, Gaspar paramenta-se para o Te-Deum final.*

## O 18 D'ABRIL.

Um ano se passou já sobre a tentativa ditatorial do sr. Raul Esteves que pôs em risco as liberdades publicas Recordamos essas horas de emoção para o Povo republicano, recordamos essas horas em que a guarnição de Lisboa soube manter firme a disciplina do Exercito, saudamos os que, galharda e altivamente, se bateram, então, pela Liberdade e pela Republica.

E, ao recordarmos o 18 d'Abril, não nos podem esquecer os homens que constituíram o Comité de Defesa da Republica cuja acção só não foi eficaz porque hesitou tristemente em levar até ao fim a sua missão que poderia ter sido purificadora para o Regime.

## O assassinio de Maria Alves

Por falta de espaço, fica sobre o marmore o artigo que tínhamos para publicar sobre o procedimento da policia para com o empresario Antonio Gomes. Entrará no proximo numero de *A Choldra*.

A mesma falta de espaço nos obriga a retirar tambem a secção de critica teatral que neste numero tencionavamos iniciar.

POR BEM...

## VIDA MENTAL

Uma pintora de flores que teima em pintar outros generos

E' no Salão Bobone que a Sr.<sup>a</sup> D. Eduarda Lapa tem agora o seu canteiro. Esta artista é uma floricultora emérita. Ninguem como ela traduz a carnação, a frescura duma rosa, a alma misteriosa duma flor. Nêsse genero é notavel.

Flores e fundos de pratos pintam todos os amadores de pintura. Está, portanto, banalizado o motivo D. Eduarda Lapa tem, porém, uma tal sensibilidade artistica, que as suas flores são verdadeiras criações, ricas de originalidade e beleza.

O mesmo não diremos já dos outros motivos que aborda.

A universalidade do talento é dom de raros apenas.

Na pintura, como em tudo, para tocar a perfeição, é preciso não dispersar faculdades. A artista esquece isto e esbanja o seu tempo a fazer paisagens como toda a gente, a compor retratos como quasi todos os pastelistas, quando o poderia empregar a manchar flores como ninguem. Mas vão lá convencê-la disto...

## O «negocio» das senhas

Os individuos que em Lisboa fazem o chamado «negocio» das senhas foram chamados á P. I. C. sendo-lhes ali ordenado que restituíssem o dinheiro correspondente a todas as senhas vendidas já, visto tal «negocio» ser considerado como uma autentica burla.

Mas se a policia reconhece que o «negocio» das senhas é uma burla, como é que deixou ir em paz os burlões depois de os ter na sua presença?

Comentando a proibição deste rendoso «negocio», dizia indignado um dos intimados a restituir o dinheiro das senhas:

— Decididamente não se pode trabalhar em Portugal!

E constou-nos que vão todos ingressar na Cruzada Nun'Alvares para conspirarem contra a Republica, desgostosos por os não deixarem auxiliar o fomento nacional...

## Uma campanha de O «Seculo»

O *Seculo* anunciava ha dias que vai encetar uma grande campanha contra o Estado, contra a governação publica.

Pelos vistos, as «forças-vivas» não desistem da pretensão de governar directamente o país. Lá volta a celebre U. I. E. a insistir nas suas aspirações politicas!

## O «MUNDO»

Reapareceu na quinta-feira o nosso prezado colega *O Mundo*, pelo que felicitamos o sr. Urbano Rodrigues, seu illustre director.

*O Mundo*, que continua defendendo a politica da Esquerda Democratica, teve a gentileza, que agradecemos, de se referir com entusiasmo ao nosso semanario.

# A CHOLDRA

Semanario republicano de combate e de critica à vida nacional

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Mensal 4\$00 esc. — Trimestral 12\$00 esc. — Semestral 24\$00 esc. — Anual 48\$00 esc.

Pagamento rigorosamente adiantado. Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce a respectiva despeza. — O leitor que angariar 6 assinaturas trimestrais terá direito a receber gratuitamente *A Choldra* durante o praso de um semestre.

A' VENDA EM TODAS AS TABACARIAS

# Cronicas internacionais

Malvy e a attitude do Cartel das esquerdas.—A eleição de Pangalos.—A aliança polaco-romena.—A França e o perigo anglo-saxão

O sr. Malvy abandonou definitivamente o lugar de ministro do interior em carta dirigida a Briand, o chefe do governo francês. Poucos políticos radicais, como Malvy, toem suportado maiores sacrificios e dissabores pelas suas ideias. Malvy é alvo de odios tremendos e inextinguíveis da parte de todos os reaccionarios francezes. Mas não se julgue por isso, por haver abandonado o seu lugar de ministro ante o ataque da reacção, que Malvy recua.

Malvy declara que todo o sacrificio tem um limite que não pode ser ultrapassado, e que se não encontra disposto a considerar-se prisioneiro das suas funções de ministro, quere ser livre nas suas attitudes para atacar por sua vez. Não ha duvida que Malvy é um temperamento de lutador e está nisso uma das razões porque a reacção o alvejará de preferencia.

O Cartel das esquerdas sentiu-se atingido com o ataque desencadeado contra Malvy, e os recentes discursos de Herriot em Poitiers e Chatellerault são indicio de que a esquerda republicana se acha disposta a entrar na luta a fundo contra a reacção que se esforça por dominar a França.

A eleição que vem de realizar-se na Grecia para preenchimento da vaga aberta pela demissão do almirante Condoriotis da presidencia da Republica e que deu a vitoria ao ditador general Pangalos, é uma das grandes comedias politicas dos ultimos tempos, neste periodo fertil em surpresas e paradoxos.

Anulados os principais direitos constitucionais, suspensa a liberdade de imprensa, deportados todos os Chefes republicanos, sujeita a Grecia inteira a um regime de terror, a eleição de Pangalos não passa dum escarneo, da mais hedionda das mistificações. Ao menos Primo de Rivera tem a virtude das situações claras e insofismaveis, ao contrario do que succede com Mussolini, na Italia, e com Pangalos, na Grecia, e até com o sr. Antonio Maria da Silva, entre nós.

A tirania não é, no entanto, um seguro esteio para aqueles que a ela recorrem para se alcançarem no poder e oprimir os povos. Ao mesmo

tempo que um simulacro de sufragio fazia de Pangalos o presidente da Republica Grega, algumas unidades militares, em Salonica, levantavam o estandarte da revolta e protestavam contra a ignobil comedia que vinha de representar-se.

\* \* \*

O Pacto da Polonia e da Romenia parece dirigir-se simultaneamente contra a Russia, por um lado, e contra a Alemanha, por outro.

A Romenia sente-se pouco segura da Bessarabia que pertenceu á Russia antiga, e a Polonia não está tranquila com as provincias alemãs que lhe foram atribuidas pelo tratado de paz de 1919.

O sr. Tchitcherine, commissario do povo para as relações externas da U. R. S. S., aproveitou a ocasião para convidar a Alemanha a fazer a confirmação do tratado de Rapallo que assegurava uma determinada cooperação entre a Alemanha e o paiz dos Soviets.

\* \* \*

Em França começa a falar-se com insistencia no perigo anglo-saxão. Efectivamente, os credores da França, nos Estados Unidos e na Inglaterra, são mais do que exigentes porque são insolentes. Os convites que eles dirigem á França sobre o pagamento das dividas não toem outro fim senão o de estabelecer decisivamente os seus direitos, servindo-se desses direitos para atentar contra a independencia desse grande país que viu nascer Voltaire.

Vê-se com que insistencia Clurchiel convida Peret a ir a Londres ainda este mês. A's noticias de Washington, por outro lado, não deixam nenhuma duvida sobre o espirito pouco conciliador que reina no país do *dollar* a respeito da França.

Os financeiros americanos pensam cada vez mais em apoderar-se das industrias francezas e alguns jornais da America do Norte fazem allusões muito claras sobre uma possivel confiscação de algumas colonias francezas.

## NO MUNDO DESPORTIVO

A derrota do grupo militar em Madrid — A festa de «Os Sports»  
— O «amadorismo» do grupo campeão...

Pela terceira vez, em campos madrilenos, a equipe representativa da guarnição militar de Lisboa (!) foi derrotada.

São deveras interessantes os resultados constatados nos desafios efectuados entre os dois grupos militares.

Jogando em Madrid, o grupo lisbonense é sempre vencido e por um score que não deixa dúvidas a ninguém...

Nos jogos realizados em Lisboa, a equipe espanhola não consegue triunfar.

Porque será?

Dizla-nosha dias uma pessoa amiga que era porque em nossa casa, cada um vale quatro e finalizando as suas considerações:

— Para o outro desafio, deve ser escolhido um terreno que fique situado entre as duas fronteiras.

— Porquê?

— Para os grupos ficarem empatados...

Das selecções pseudo-militares que se teem organizado, a que se deslocou este ano a Madrid, era, de todas, a mais criteriosa e aquela que mais probabilidades tinha de alcançar um resultado vitorioso.

Houve, de facto, um errado criterio na escolha de alguns dos jogadores que foram a Madrid.

Um dos pseudos militares, Filipe, medio centro do Sporting, não tinha o direito de ser mobilizado.

Não só por se encontrar em decadencia, mas porque a vida militar devia já ser reformado...

Não podem alcinhar-nos de derrotistas, porque já de ante-mão descordavamos da forma como a equipe fora seleccionada, não dos jogadores efectivos, mas dos suplentes.

E durante o decorrer do encontro, deu-se o que nós vaticinamos.

Maguado João Francisco, foi o lugar deste jogador ocupado por Filipe.

Nós estamos daqui a ver, o lugarão... que o medio centro leonino fez.

Dão-se por vezes derrotas que constituem vitórias.

E no jogo de Madrid deu-se esse caso.

Os jogadores lisbonenses souberam-se impor ao publico madrilenho, e quando a sorte lhes foi adversa nunca procuraram jogar com violencia.

Resistiram até final, mas com dignidade accitando a luta como desporto e não como uma demonstração de forças ou de musculos...

Dos jogadores em campo, destacou-se notavelmente, segundo toda a critica espanhola, o guarda rede Roquete.

Para todos aqueles que desdenhavam do valor do guarda-rede casapiano, a sua actuação no jogo efectuado em Madrid, fez-lhes estalar a castanha na boca...

Roquete demonstrou neste desafio, tudo quanto vale, a ponto de deixar maravilhados os desportistas madrilenos, habituados a presenciar paradas dificeis, executadas por porteiros de grande nomeada.

A lenda de que só o Chiquinho ou o Cipriano eram homens, para defender as nossas redes em jogos internacionais, ficou desfeita desta vez...

Domingos Gonçalves, o excelente avançado casapiano, que tem tido a infelicidade de não ágradar, pois que actualmente tambem já se selecciona por simpatias... foi um dos jogadores que se evidenciou e que, pelo jogo desenvolvido, mais contribuiu para as avançadas que bastas vezes puzeram em perigo as redes defendidas por Martinez.

Este jogador, que durante a disputa do campeonato, só á sua parte marcou 14 goals, dos 17 marcados pelo Casa Pia, foi, dos avançados militares, o que mais se fez admirar.

E nós, que entre ele e Delfim não vacilamos um segundo sequer, admiramos que ainda depois deste jogo, Ribeiro o não faça jogar em Toulouse, onde seria um elemento mais aproveitavel do que o jogador oihannense, pois que é mais «valente» e possui todas as caracteristicas que fizeram Delfim ser seleccionado.

Mas deixemos este ponto por agora, e voltemos de novo ao jogo militar.

Pelas cronicas publicadas no Diario de Madrid, estamos convencidos de que se o desafio se efectuasse com o terreno «mais duro» talvez o resultado nos fosse favoravel.

A derrota inflingida ao grupo lisbonense, não quer dizer que o foot-baal madrilenho nos seja sensivelmente superior.

Não. De facto, os jogadores espanhóis jogam mais do que nós.

Mas essa diferença de classe nunca se pode traduzir, nos nossos campos, ou terrenos iguais, por scores elevados.

Com a vitoria da equipe madrilenha, cada grupo reúne actualmente uma vitoria.

O encontro decisivo para a posse da artistica taça que se disputava, realiza-se no ano proximo.

Talvez que neste desafio a sorte nos favoreça.

— —

Com um esplendido programa, effectuou-se, nos terrenos do Estadio, um interessante festival desportivo, comemorativo do VII aniversario do jornal desportivo «Os Sports»

Apezar da inclemencia do tempo, foi bastante elevado o numero de pessoas que assistiram á disputa das provas desportivas.

No desafios entre os grupos infantis do Carcavelinhos e do Sporting, que ficou vencedor por 5 goals a 1, assistiu-se a uma regular demonstração de foot-ball, demonstrando os pequenos jogadores compreenderem melhor o jogo do que varios titulares...

É bem certo o ditado: de pequenino...

A prova de estafeta olimpica foi ganha pela equipe do Sporting, que correu admiravelmente.

É digno de respeito o esforço feito pelos corredores dos Belenenses para alcançarem o 2º lugar.

No ruyby, o Sporting conseguiu triunfar dos «mestres» de Carcavelos por 6 pontos a 5.

Em hockey, o grupo da Sete Rios viu-se seriamente atrapalhado para vencer o Excelsior

— —

Para atrair maior numero de espectadores, «Os Sports» convidou o Foot-Baal Club do Porto a deslocar-se a Lisboa, para effectuar um encontro com o Vitoria ou com o Carcavelinhos.

Pois sabem os nossos leitores, quanto pediu o grupo portuense para se deslocar a Lisboa?

12 mil escudos.

Sobre este procedimento, não faremos considerações. O publico que aprecie o amadorismo destes clubs e ipso-facto dos seus jogadores...